

As Farpas (Janeiro 1878)

Ramalho Ortigao and Jose Maria Eca de Queiroz

The Project Gutenberg EBook of As Farpas, Janeiro de 1878
by Ramalho Ortigao and Jose Maria Eca de Queiroz

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: As Farpas (Janeiro 1878)

Author: Ramalho Ortigao and Jose Maria Eca de Queiroz

Release Date: August 2, 2004 [EBook #13092]

Language: Portuguese

Character set encoding: ASCII

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK AS FARPAS ***

Produced by Claudia Ribeiro, Larry Bergey and PG Distributed Proofreaders. Produced from page scans provided by Biblioteca Nacional de Lisboa.

[Illustration: ECA DE QUEIROZ--RAMALHO ORTIGAO--AS FARPAS]

RAMALHO ORTIGAO--ECA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

TERCEIRA SERIE TOMO I Janeiro de 1878

Ironia, verdadeira liberdade! Es tu que me livras da ambicao do poder, da escravidao dos partidos, da veneracao da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiracao das grandes personagens, das mystificacoes da politica, do fanatismo dos reformadores, da supersticao d'este grande universo, e da adoracao de mim mesmo.

P.J. PROUDHON

SUMMARIO

A romagem dos mortos. Raspail, Courbet, Victor Manuel, Jose de Alencar, Augusto Soromenho.--_A senhora portuense_ e _as Farpas_. O libello d'aquella dama. A nossa resposta. Nao, a mulher portugueza nao sabe fazer caldo e deve aprender a fazel-o, como se torna a demonstrar. A litteratura feminina e a cozinha de minha avo.--Da influencia dos hymnos sobre os cerebros coroados. Cumplicidades do telephonio.--Os cemiterios. A intervencao do sr. marquez d'Avila e a do sr. Luiz Jardim. A cabelleira e a formula de s. ex.^a Mostra-se que s. ex.^a nao e o velho Tobias. O catholicismo e a carta. A liberdade de pensamento e o registro civil.--A ex'ma Camara Municipal do Porto ou a quem suas vezes fizer.--A situacao politica. As ultimas sessoes parlamentares. Alguns perfis. Os partidos. Os compadres. A jumentinha da publica governacao.

No breve espaco dos ultimos quinze dias a humanidade pagou a morte um pesado tributo. Escrevemos no meio de tumulos gloriosos e amados. Deixaram de existir, em Franca Raspail e Courbet; na Italia Victor Manuel, no Brazil Jose de Alencar; em Portugal Augusto Soromenho.

Raspail, entre todos esses o maior, deixa na terra um immenso vacuo imprehenchivel. Desappareceu com elle uma das mais poderosas forcas sociaes do mundo moderno, a porcao mais fecunda e mais gloriosa da grande alma do povo.

Ninguem como elle amou a humanidade e ninguem empregou tao vastas e tao profundas faculdades no culto do seu amor. Foi o maior contribuinte dos descobrimentos scientificos d'este seculo. Creou a chimica organica e pode-se dizer que creou tambem a physiologia botanica e a anathomia microscopica. Fundou a hygiene em bases novas, nao como uma dependencia da medicina, mas como um desdobramento da sciencia social. Foi elle o que definiu pela primeira vez em fundamentos positivos o dogma do suffragio universal. Foi ainda elle o primeiro que proclamou no Hotel de Ville a Republica de 48.

Este eximio cultor, acrescentador e reformador do todas as sciencias physicas, de todas as sciencias biologicas e de todas as sciencias sociaes, astronomo, chimico, physiologista, medico, archeologo, economista, era alem d'isso um delicado e valente escriptor. O seu genio profundo actuou efficazmente no desenvolvimento do estudo dos astros, das plantas, dos animaes, do homem, e bem assim na reforma do todas as instituicoes politicas e sociaes, na reforma administrativa, na reforma judiciaria, na reforma penitenciaria e na reforma penal. O seu altivo character de soberano plebeu tornou-o sempre irreconciliavel com todo o favor, com lodo o auxilio, com toda a collaboracao official. Recusou todas as distincoes honorificas, todos os cargos publicos, todos os diplomas scientificos ou litterarios. As suas observacoes astronomicas, os seus trabalhos de chimica, as suas applicacoes do microscopio ao estudo das celulas e dos tecidos fizeram-se n'uma agua furtada humilde dos bairros baratos de Paris com os instrumentos mais rudimentares, no isolamento austero da independencia o do sacrificio.

Esse intrepido filho do povo tinha a fibra de Galileu, de Giordano Bruno e do Bernardo Palissy.

A academia franceza, commovida com uma tao exemplar grandeza d'alma, resolveu conferir-lhe em 1833 o premio Montyon, declarando-lhe pela boca do grande Geoffroy-Saint-Hilaire que ella o considerava como sendo o homem que mais servicos tinha prestado a sciencia e a humanidade.

Guizot, entao ministro da instrucão publica, interveio na resolucao da academia prohibindo que _o premio da virtude cahisse no cofre da rebeliao_.[1] O chefe do partido conservador francez nao podia esquecer que fora esse mesmo sabio obscuro o despremiado o que no anno anterior, em plena Restauracao, ousara fulminar a votacao da lista civil com a phrase memoravel paga por elle com 500 francos de multa e 15 mezes de cadeia: "Deveria ser enterrado vivo debaixo das ruinas das Tulherias todo o cidadao que ousasse pedir a Franca 14 milhoes para viver."

[Nota 1: Guizot, que recusou um premio a Raspail, recusou tambem uma cadeira no magisterio a Augusto Comte. O illustre historiador teve a desgraca de firmar com o seu nome a responsabilidade d'esses dois crimes, inconscientes, da politica nefasta que elle dirigia.]

E que Raspail, a intelligencia sempre apta para organizar, foi igualmente o braco constantemente pronto para resistir.

Portentosa existencia, que ficara na historia entre as mais bellas e mais extraordinarias legendas do genio do homem! Destinado por seu pae a carreira ecclesiastica, foi educado n'um seminario, comecou por ser um theologo. Era porem de tal modo intenso e explosivo o seu amor de verdade e do progresso que, principiando por ensinar theologia aos dezenove annos, acabou por alcançar a gloria immarcessivel de ser condemnado aos oitenta,--aos oitenta annos de idade!--por abuso da liberdade de pensamento!

O poder espiritual do mundo moderno era representado em Franca por uma trindade sacrosanta:--Victor Hugo, a forca do sentimento; Raspail, a forca do trabalho; Littre, a forca da philosophia.

D'esses tres anciaos o primeiro que desceu ao tumulo e o que mais fecundo exemplo nos podia legar, porque as virtudes que o assignalaram sao d'aquellas que dependem mais da vontade que do entendimento. Esse exemplo de uma actividade sempre entusiasta, juvenil e ardente, em nenhuma outra parte e mais precioso do que na sociedade portugueza, onde as ideas radicaes, que sao as sentinelas avancadas da civilisacao, tao raramente encontram servidores desinteressados que as mantenham; onde a mocidade mais vivaz e intelligente esta defendendo no parlamento e no jornalismo as opinioes mais retrogradadas, onde finalmente o futuro nao tem partido.

Possa a memoria do sublime Raspail alentar a perseveranca e a firmeza no coracao d'aquelles que, longe de todas as correntes officiaes se sacrificam heroicamente pelo estudo desprotegido, pelo trabalho talvez calumniado, talvez perseguido, ao amor e ao aperfeicoamento dos seus semelhantes!

Que todos os que sao mocos e fortes se inclinem sobre esta campa onde repousa um triumpho, e reflectam, que e na pedra tumular de Raspail que deverao agucar o fio das suas espadas todos aquelles que combatem pela consciencia e pela verdade!

* * * * *

Courbet foi um conspirador da esthetica, um rebelde ao despotismo de um ideal que elle tinha por condemnado solidariamente com as velhas instituicoes sociaes de que fazia parte. A sua vida foi consagrada a derrocar pela pintura a inspiracao da antiga arte assim como derrocou pelo uso do poder executivo a columna da praca Vendome. Louvavel empenho, porque Courbet considerava essa inspiracao uma fonte envenenada para o trabalho artistico, assim como considerava essa columna um symbolo ultrajante para a dignidade humana.

A demolicao da columna, que toda a imprensa europeia stygmatisou com palavras tao resentidas e acerbas, nao podera deixar de ser um dia olhada pela critica desapaixonada como a consequencia logica e fatal dos principios de justica social constantemente professados pelo immortal artista.

Courbet foi condemnado a pagar a reconstituicao da columna. Breve porem soara a hora em que o nobre espirito francez deixe de considerar puerilmente que se deve ser

_Fier d'etre francais
Quand on regarde la colonne!_

Paris, a cidade eterna da arte, a grande martyr, a grande pacificadora, comprehendera em pouco tempo que e uma injuria ao seu bello destino na obra da conciliacao humana a ostentacao orgulhosa de um monumento que o dístico diz ser: _levantado a gloria do grande exercito por Napoleao o Grande!!_

Paris, qua vae na proxima exposicao celebrar dentro do regimen republican a grande festa universal da industria e da paz, Paris cujo municipio acaba de votar 546 contos de reis para os seus estabelecimentos publicos de instrucção primaria ao anno corrente, Paris que ainda ultimamente consagrou cerca de 5 mil contos a reorganizacao dos seus lyceus, nao podera manter em pe por muitos annos mais, em uma das suas pracas publicas, um symbolo que contradiz todas as suas aspiracoes philosophicas e humanitarias, celebrando uma das maiores nodoas da civilizacao: o triumpho cannibalesco do militarismo sobre os direitos do homem, a sujeicao da Franca aos caprichos de um despota em cuja frente as justicas da historia estamparam ja o ferrete da ignomia.

A legenda napoleonica esvahiou-se inteiramente das consciencias, e bastou um sopro de Michelet para apagar para todo sempre nas tradicoes marciaes da geracao actual o sol de Austerlitz.

Courbet morreu antes da poder ser reembolsado da importancia da multa a que o condemnaram como inconoclasta. Mas a posteridade o desaggravara, ratificando a sua obra, demolindo pela segunda vez a columna Vendome e pondo no lugar d'ella, em vez do genio das batalhas que lhe serve de remate, o genio da arte representado na estatua do grande pintor que na maneira de conceber e de executar a obra do espirito fundou a escola que sera uma das glorias d'este seculo, e na maneira de usar do governo em que teve parte commetteu o erro sempre fatal em politica de antecipar na pratica dos seus actos a opiniao do seu tempo.

* * * * *

Victor Manuel foi o homem forte por excellencia. Tinha o pulso athletico de Godofredo de Bulhoes. Poderia como elle decepar de um so golpe da

espada a cabeça de um boi ou o tronco de um reaccionario; commandou como elle uma cruzada,--a cruzada de Novara ate Roma, como elle chegou a terra promettida; morreu moco como elle, como todos os heroes que tendo realisado na terra uma grande missao, se sentem de repente invadidos na alma pela tristeza immensa dos saciados. Teve a virtude symptomatica dos fortes--a colossal bondade. Ninguem abriu bocas mais fundas nas espadas dos seus adversarios; ninguem calcou a terra com sapatos mais fortes, mais intrepidos e mais bem ferrados, atraz dos tyrannos e dos cabritos, atraz das raposas e dos padres. Ninguem trepou com pulmoes mais rijos as altas cumiadas dos Appeninos e da liberdade. Ninguem sorriu com mais encanto e com mais prestigio a fadiga, ao perigo, as mulheres e a morte. Era evidentemente um forte. E como a forza e o maior de todos os attractivos humanos, ninguem conciliou como elle em torno de si tao contradictorias sympathias e tao heterogeneas affeicoes: foi o amigo do Papa e de Garibaldi, de Bismark e de Gambetta.

Feliz homem!

* * * * *

A morte de Jose de Alencar, o auctor do _Guarany_ e de _Luciola_, representa uma das maiores perdas para a litteratura brazileira, tao notavel nos ultimos tempos pela cooperacao dos seus poetas e dos seus pensadores.

Na sociedade do Brazil, que o principio da escravidao desviou por tantos annos tenebrosos do seu destino e do seu desenvolvimento natural, a organisacao moderna do trabalho livre e ao mesmo tempo a creacao de um novo elemento social--o povo.

Jose de Alencar, romancista, poeta, jornalista, tribuno, influenciando poderosamente o seu tempo pela penna e pela palavra, era a imagem synthetica d'esse poder que se chama a Plebe, que procede da lama, e decide da sorte dos imperios.

Elle, que alcançara um dos mais luminosos logares entre os homens mais celebres e mais prestigiosos do seu tempo, sahira do esgoto da cidade, procedera da roda dos expostos.

Esse engeitado era a personalisacao mais gloriosa da soberania do trabalho, affirmando elle mesmo o seu direito, desembainhando no throno da arte a sua larga espada de justicia, vestindo a tunica e a dalmatica azul, calcando as esporas de ouro nos coturnos hordados de lizes, e fazendo-se ungir e sagrar pelas multidoes como os antigos eleitos do senhor. E era a elle, como a todo o artista victorioso e triumphante, que se deveria dizer como Samuel ao rei Saul: "Deus te elegeu para reinar sobre a sua heranca e para livrar os povos das maos dos seus inimigos."

* * * * *

Augusto Soromenho foi o mais infeliz dos trabalhadores. A doce consolacao de cumprir um destino, consolacao compensadora de tantas amarguras e de tantos sacrificios, nao foi concedida na terra aquella natureza essencialmente desgracada.

Tinha um incomparavel poder de applicacao e de estudo e ninguem possuia em Portugal uma provisao mais copiosa de nocoos e do factos. Foi o collaborador do Alexandre Herculano nas investigacoes da historia

nacional, foi o seu melhor discipulo e o seu unico successor. Ninguem melhor do que elle conhecia as fontes e as correntes historicas dos nossos costumes e das nossas tradicoes. Era archeologo, diplomatico, jurista, bibliographo. Nao havia inscripcao truncada na epigraphia nem texto ambiguo nos codices que resistisse aos processos da sua sagacidade portentosa. A sua memoria phenomenal dava-lhe a omnipresenca de quanto tinha lido no recolhimento de vinte annos de estudo fervoroso e incessante. Era um tomo de erudicao vastissima, assombrosa, que ninguem consultava de balde em qualquer ponto da historia dos costumes; do direito, da politica, do governo, da economia, da arte, da litteratura e da lingua.

Faltava-lhe porem no seu vasto e poderoso cerebro a faculdade da generalisacao. Nao sabia tirar dos factos as leis de que elles sao a funccao. Nao sabia correlacionar. Nao tinha o poder creador. Por esse motivo a isolacao suffocava a eficiencia da sua actividade. Era um instrumento, cujo machinismo precioso parava sem a impulsao de energias concomitantes e confluentes. Mas a sociabilidade litteraria a que elle estava condemnado a submeter-se para ser uma forza na civilisacao, repugnava ao seu temperamento de uma susceptibilidade intransigente aggravada por uma falsa educacao.

Essa capacidade tao prodigiosa de contensao, de investigacao, de exame, de absorpcao de ideas, estava na sua natureza alliada a um temperamento caprichoso e feminil. Extremamente lymphatico, tendo sido epileptico na infancia, nao poderia fatalmente deixar de ser o que era: um sentimentalista. A sentimentalidade foi o cachopo de todas os naufragios da sua inquieta o atribulada existencia.

A indifferenca perante o conflicto e uma nobre virtude. Raros a possuem. O que succede com as naturezas vulgares e que a nossa resolucao boa, conscientemente reflectida, reforcada na mais legitima compenetracao do dever, da dignidade, da honra, desmaia na conjunctura do conflicto que vae provocar entre amigos, entre companheiros, entre camaradas, e nos precisamos de reagir sobre nos mesmos com toda a forza da nossa coragem para nos determinarmos a effectuar pela nossa iniciativa a explosao da crise irreconciliavel que presentimos latente, palpitante, dependente da palavra decisiva que por um dever de consciencia profundo e sagrado vamos lancar ao coracao d'aquelles que nos rodeiam. Pois bem: essa virtude, tao rara, tao viril, de desmanchar implacavelmente prazeres para implantar controversias, essa virtude, dizemos, possuia-a Soromenho no estado de uma exaggeracao pathologica. O conflicto na convivencia social nao somente lhe nao repugnava mas attrahia-o--como succede as mulheres nervosas.

Consideravam-o geralmente uma vibora. Elle era apenas uma creanca. As suas violencias mais asperas procediam todas logicamente da sua sensibilidade doentamente delicada. Ninguem teve a injuria mais pronta pela mesma rasao de que ninguem teve igualmente a compaixao mais facil. Ninguem proferiu improperios mais pungentes, mas tambem ninguem chorou lagrimas mais enternecidas. Os que o viram aggressivo e verberante nas sessoes da Academia, nos conselhos do Lyceu Nacional e do Curso Superior de Lettras nao conheceram senao metade d'essa physionomia tao caracteristicamente meridional nos tracos moraes como nas formas physicas.

Era preciso ouvi-lo na intimidade da sua bibliotheca, no terceiro andar obscuro e modesto, conhecido de toda a mocidade estudiosa, terceiro andar a que tantas vezes subiram para fumar o cigarro democratico da

camaradagem litteraria Lord Talbot, Lord Stanley, Gayangos, o conde de Brandebourg e tantos outros estrangeiros e viajantes illustres, para os quaes aquella humilde casa de litterato, tao hospitaleira e tao pobre, tinha altractivos que nao podiam proporcionar as exigencias dos philosophos e dos principes, os mais brilhantes saloes de Lisboa. Era preciso onvil-o ahi dissipar em bonhomia e em sensibilidade todo o nervosismo do seu coracao com a mesma prodigalidade cem que nas assembleas officiaes acabara de dispende as violencias do seu cerebro imperfeitamente orientado.

Quando alludia a sua encantadora aldeia natal nas margens do Ave, perto da Villa do Conde, as doces paizagens do Minho onde elle viajara alegremente a pe nos dias azues da sua mocidade; quando repetia o estribilho de uma saudosa cantiga, os versos melancolicos de uma lenda ou de um romance popular; quando narrava a volta de uma _esfolhada_ nocturna, sob o luar, ouvindo o gotejar da agua no fundo da deveza o canto dos rouxinoes atravez da espessura negra dos pomares; quando descrevia as madrogradas da caca as perdizes no monte de S. Felix, ou as outras madrugadas mais alegres ainda das romarias minhotas, em que os clarinetes amanhecem antes dos melros, fazendo dançar pelos caminhos as bellas raparigas louras; quando finalmente se referia aos companheiros, aos amigos, que deixara dispersos na vida, os seus olhos de arabe, negros, rasgados, contemplativos, marejavam-se-lhe de lagrimas, e a sua voz cheia, incisiva e dominante, que nunca tremia nem se velava no maximo arrebatamento da colera, embargava-se-lhe em soluços, estrangulada pela saudade ao recordar um companheiro da infancia, um bom sitio amado, uma velha cancao querida.

Banido da Academia, banido da Torre do Tombo, os dois unicos campos em que se podia exercer com proveito e com honra da patria a actividade da sua intelligencia, Augusto Soromenho foi enterrado vivo, e vivo foi sepultado n'este medonho tumulo--o despreso.

Nos seus ultimos tempos trabalhava ainda. Trabalhou ate o seu ultimo dia. Ha cerca de um anno padecia uma dor sternalgica, symptomatica do aneurisma. Esta dor lancinante, que o privava do movimento, forçando-o a parar de repente na rua, obrigou-o a interromper antes d'hontem de madrugada a leitura que estava fazendo desde a meia noite na sua biblioteca. Acudiu-lhe a sua familia, chamou-se a pressa um medico. Inutilmente. Elle estava morto.

Seria mais que omisso, seria infame, que, tendo conhecido Augusto Soromenho desde a sua infancia, o que escreve estas linhas deixasse de acrescentar que a reputacao tao frequentemente discutida d'esse traballhador desventurado foi sempre pura e immaculada aos olhos de quem o tratara intimamente durante o longo decurso de perto de trinta annos. O que faz este depoimento deseja para honra da humanidade que os Curcios e os Plutarcos encarregados de celebrar a vida e feitos dos Scipioes illustres e dos Catoes celebres achem sempre nos seus heroes tantas qualidades desinteressadas e nobres para serem cobertas de rhetorica, quantas aquellas que em Augusto Soromenho foram deturpadas pela maledicencia.

* * * * *

Com esle titulo--_Ao sr. Ramalho Ortigao_--publicou o _Diario da Manha_ o folhetim seguinte:

_Os exames no Lyceu Nacional--Os fins da educacao--Um programma de

ensino para o sexo feminino--Como se prepara a emancipacao das mulheres--Duas catastrophes: o estado da litteratura feminina, e o estado da cosinha nacional--Grito afflictivo do paiz: menos odes e mais caldo_.

Termina assim o summario do ultimo numero das _Farpas_. Qual de nos deixaria de ler com a maxima attencao um artigo escripto pelo sr. Ramalho, sobre assumptos de tanto interesse para o nosso sexo? nenhuma de certo. E para que se nao diga com verdade que o grito afflictivo do paiz, do qual o sr. Ramalho se faz orgao, pedindo-nos caldo, nao foi ouvido por uma so mulher portugueza, que, condoida, o soccorresse, venho por mim e em nome das senhoras portuenses, dar-lhe nao so _caldo_, mas tambem _luz_, que o alumie nas suas investigacoes acerca d'um assumpto, que e realmente grave--a dyspepsia nacional, que s. ex.^a attribue a nossa ignorancia culinaria, fazendo assim pesar sobre nos, tao tremenda responsabilidade.

Se o assumpto de que se trata, nao fosse realmente grave, contentar-nos-hiamos com o praser que nos da sempre a leitura dos escriptos do sr. Ramalho, pela elegancia do seu estylo, e finura do seu espirito, e apenas diriamos, na nossa linguagem de cozinheiros: E pena que os escriptos do sr. Ramalho nao sejam mais succulentos! sao como os caldos feitos pelos cosinheiros francezes, de apparencia magnifica, depurados ate a transparencia, muito aromatisados ... mas sem substancia.

Quer-nos porem parecer, apesar da ironia com que o sr. Ramalho falla sempre de nos, que nao tem rasao para nos querer mal; e que como filho, esposo e irmao de senhoras portuguezas, e por isso quasi nosso irmao, deseja com certeza a nossa felicidade e se promptificaria da melhor vontade a fazer-nos um favor se lh'o pedissemos. Ouca-me pois.

Nao ensine a sr.^a D. Jeronyma, nem a mulher nenhuma portugueza, como se faz esse alambicado caldo francez, tao purificado, que por fim como o proprio sr. Ramalho confessa, deixa de ser um alimento. Se tem amor a sua patria, anime-nos, e aconselhe-nos a que continuemos a fazer os classicos caldos portuguezes, succulentos e compactos como os faziam nossas avos, e como nos todas ainda hoje sabemos fazer. Se o principal agente do temperamento d'um povo, do seu character e da formacao das suas ideas, e, como s. ex.^a diz a sua alimentacao, nao esquecamos que foi comendo esses caldos e quasi so com elles, que os energeticos e valentes portuguezes contiveram sempre em respeito o poder de Castella, e que na Africa, e na Asia praticaram accoes de tao prodigioso valor. E descendo a historia dos nossos dias, lembre-se que os vultos grandiosos dos lidadores da epopea da liberdade, apesar de alimentados pelo caldo nacional e entao infelizmente bem magro, mostraram em cem combates a sua heroica energia, e sua valorosa audacia, sem que o estomago se incomodasse com a dyspepsia nacional. E so com caldo, e com broa que todos os dias se alimentam aqui centenaes de homens do povo, que supportam, sem cansaco, nem fadiga, durante dez ou doze horas por dia, os mais rudes trabalhos; e comtudo nao soffrem de dyspepsia. Sera por terem _mulheres muito instruidas_, ou porque o _caldo_ que comem e preparado por cosinheiros de 5:000 francos_? deve ser por uma d'estas rasoas, visto que e o sr. Ramalho quem nol-o affirma.

A dyspepsia nao e em Portugal uma doenca nacional, e quasi privativa dos homens das classes elevadas--e quer que lhe digamos porque? Porque elles teem com raras excepcoes, uma mocidade dissipada; porque na idade dos quinze aos vinte annos, quando os rapazes inglezes e allemaes fazem

consistir o seu maior prazer em se exercitarem nos jogos athleticos, e todo o seu orgulho em serem vencedores n'uma corrida ou n'uma regata, os portuguezes vao descancar das lides do estudo nos bancos dos botequins e das tavernas, onde e considerado heroe aquelle que come e bebe mais brutalmente, e como deus o que engole successivamente vinte e um calices de licor ou cognac, o que na pittoresca phraseologia d'esses senhores se chama dar uma salva real! Desculpa-os porem o axioma do nosso codigo de educacao: que e preciso dar muita cabecada para vir a ser homem serio.

Conhece o sr. Ramalho, bem melhor do que nos, todos os perigos porque passam os rapazes desde que se emancipam da tutela materna, ate que chegam a ser homens. Estude o meio de os livrar d'esses perigos, e de lhes regenerar os costumes, e vera que, quando chegarem a ser chefes de familia, seu natural destino, nao precisarao de encontrar na esposa o braco forte que lhes seja amparo, e terao o estomago sao como em criancas, podendo digerir perfeitamente um caldo, mesmo quando elle nao seja perfeitamente transparente, e ate quando tenha seus vestigios de gordura. Faca isto que lhe pedimos, e todas nos bemdiremos o seu nome, pois d'este modo tera prestado um importantissimo servico ao seu paiz.

O seu programma para a educacao das mulheres parece-nos excellente para a Franca, Inglaterra e outros paizes onde as meninas sao educadas nos collegios, longe da familia; mas aqui onde em geral as creancas que os frequentam comem e dormem em casa, essa educacao que nos habilita a ser boas _menageres_, ja que o sr. Ramalho gosta de francezismos, recebemol-a nos todas com o exemplo e licao de nossas maes.

Em Portugal onde todo o servico domestico e geralmente feito em casa, todas nos sabemos como se lava, como se engomma, como se cozinha, como se faz doce, como se talha um vestido, etc. Mesmo as senhoras que nao fazem esses servicos sabem como elles sao feitos, pois desde criancas os viram fazer. O que nao sabemos, la isso nao, e _differencar os diferentes generos de mobilia e o seu estylo caracteristico nas epocas mais notaveis da arte ornamental_, etc. etc.; mas em quanto considerarmos, como ate agora, a vontade, e o gosto do dono da casa, a suprema lei que nos rege na escolha de todos esses artigos em que nos falla, deixaremos esses conhecimentos aos cuidados dos nossos maridos.

Em quanto a nossa educacao moral, estamos convencidas que em paiz nenhum as mulheres sao mais honestas, mais laboriosas, mais dedicadas, mais sobrias e economicas, mais submissas a vontade do marido que nos, e toda a eloquencia do sr. Ramalho nao e capaz de abalar sequer a nossa conviccao.

Em Franca e em Inglaterra ha muitas mulheres--por profissao--enfermeiras, aqui nao as ha senao nos hospitaes, e nem se lhes sente a falta, porque em toda a casa onde ha uma mulher, quer ella seja mae, esposa, filha, irma, ou mesmo criada, ha uma enfermeira sollicita, carinhosa e dedicada, cuja coragem nem sequer vacilla ante os horrores do contagio, que tantas vezes aniquilla o animo de homens energeticos e audaciosos.

Para sabermos fazer prodigios de economia nao precisamos de nos alistar n'uma escola ingleza, e, se o nao soubessemos, a primeira mulher do povo que interrogassemos n'ol-o ensinaria. Tambem em Portugal se pode sustentar uma familia com 18\$000 reis por semana, mas n'essa familia--o chefe, que trabalha do nascer ao por do sol, sustenta-se comendo tres tigellas de caldo que lhe custam 10 reis cada uma, 20 reis de sardinhas, e 10 reis de broa por dia: total 90 reis.

Convenca os homens, com a sua deslumbrante eloquencia, de que este alimento e muito sufficiente para lhes conservar robustas as forcas vitaes, e vera como nos todas fazemos economias prodigiosas, e como uma casa deixara de ser uma _loba_ para se transformar n'uma _burra_.

Mas se considera como o ideal da perfeicao na mulher, ser ella o _braco forte e escudo da familia_, tambem lhe podemos aqui apontar numerosos exemplos d'essas. As mulheres de Avintes passam os dias remando e guiando barcos no nosso Douro para ganhar o pao dos filhos, em quanto os maridos ficam em casa cosinhando: ja ve que para qualquer de nos realizar o seu ideal basta casar em Avintes.

A educacao intellectual das mulheres, quando ellas se nao dediquem a ser mestras, pode, e ate deve, assim como a moral, receber, como complemento necessario, as licoes dos homens de quem forem esposas. Assim reconhecendo no marido superioridade em tudo, ate mesmo nos conhecimentos litterarios, ser-lhes-ha mais facil ter por ele esse respeito que a religiao e a sociedade nos impoem como o primeiro dever da esposa.

Em quanto a emancipacao das mulheres, esse sonho dourado das senhoras inglezas--nos, menos profundas pensadoras, nao o queremos.

Entendemos que a natureza, que nos obriga a soffrer cruciantes dores physicas para attingirmos o apogeo da nossa gloria--o ser mae, nos ensina a todas, que a nossa missao na terra, e saber soffrer e amar, por isso beijamos com os olhos rasos de lagrimas de alegria o filho que acaba de nos fazer soffrer as dores da maternidade, e abencoamos reconhecidas a mao que prende as nossas algemas de escravas, quando essa mao e a de um homem, em quem passados os enthusiasmos da paixao, encontramos as solidas virtudes que apreciamos e respeitamos.

Regenerados os costumes dos homens, a familia portugueza, constituida como ate agora, poderia ser apresentada como modelo as nacoes mais civilizadas da Europa.

Filhos ambos da mesma terra, e quasi da mesma idade, considero-me sua irma e como tal deixe-me dar-lhe um conselho. Se eu tivesse a sua intelligencia, inquestionavelmente uma das mais brilhantes do paiz, essa sua robustez physica, a sua grande cabeca na qual o chapeo de Thiers ou de Bismark assentaria perfeitamente, dedicar-me-hia a escrever livros, que fossem mais uteis do que agradaveis, e deixaria aos palhacos dos circos o trabalho de fazer rir o publico.

Em paga de todos os favores, que lhe peço, prometto fazer-lhe so um, mas esse importantissimo.

Nao dizer a nenhuma senhora portugueza com que caldo creceu e medrou o sr. Ramalho, senao julgal-o-hiam tao criminoso como quem maldiz dos seus.

Sua

Irma de Caridade

* * * * *

Reproduzimos esse importante folhetim porque nos asseguram que

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

